

Diversão & Arte

» ANA CAROLINA ALVES*
» LAURA CUNHA*
» LUISA MELLO*

pela primeira vez, o Brasil venceu o Oscar de Melhor Filme Internacional, por *Ainda estou aqui*. A vitória do longa-metragem dirigido por Walter Salles mobilizou o país, desde foliões nos blocos de carnaval a estrelas da cultura brasileira. Após o anúncio da conquista brasileira na premiação norte-americana, as redes sociais de brasileiros foram usadas para prestar homenagens e celebrar o marco histórico alcançado pelo país.

O crítico de cinema e escritor brasileiro Mario Abade considera a vitória de *Ainda estou aqui* “uma vitória histórica, importante, um divisor de águas do cinema brasileiro, o antes do Oscar e o pós-Oscar”. Com a grande repercussão da vitória, o escritor acredita que “esse filme vai dar pelo menos uma chance ao público de ter um olhar mais generoso e dar mais chance para o cinema brasileiro. O próprio público, não só brasileiro, mas lá de fora também, vai se interessar mais em ver filmes brasileiros”. Abade também faz parte dos votantes do Globo de Ouro, e conta que o efeito do longa brasileiro já existia antes mesmo de Fernanda Torres vencer como Melhor Atriz de Drama na premiação. “Eles ficaram impactados com o filme. Então, isso já criou até uma curiosidade desses colegas, críticos de cinema, jornalistas estrangeiros me pedindo indicações do cinema nacional brasileiro”, afirma.

O ator Humberto Carrão, que também participou do filme, estava na Sapucaí quando o resultado do prêmio foi anunciado. E celebrou a vitória. Em entrevista à TV Globo, o ator destaca a

Divulgação/Folia Tropical



Humberto Carrão, ator de *Ainda estou aqui*, comemora na Sapucaí a vitória do filme no Oscar

ANTES E DEPOIS DO PRÊMIO

diferença de perspectiva do público ao olhar para uma obra de arte cinematográfica. “Há pouco tempo este país olhava para obra de arte, para artistas como inimigos, usurpadores. É muito lindo que, em um dia de festa, de carnaval, um filme que fala sobre ditadura seja vitorioso. É uma loucura”, comenta.

O poeta brasileiro, Fabrício Carpinejar, menciona em uma das postagens feitas sobre a vitória do longa brasileiro: “Em sua estreia no Festival de Veneza, o filme teve 9 minutos e 46 segundos de aplausos de pé. A ovação agora vai durar a eternidade”. Sobre a categoria de Melhor Atriz, o poeta declara sua admiração por Fernanda Torres e

assume o sentimento que pairou depois de a brasileira não levar o prêmio da categoria. “Confesso, eu me peguei chateado. Porém, existia algo mais na raiz da minha indignação: adotei Fernanda como minha amiga, eu, que nunca a vi pessoalmente. Nos bastidores de Los Angeles, sua maior alegria era ter virado máscara de carnaval.

A ESTATUETA DE MELHOR FILME ESTRANGEIRO CONCEDIDO A AINDA ESTOU AQUI CONTINUA A REVERBERAR NAS REDES SOCIAIS, NOS BARES E NA FOLIA

Seu maior prêmio era estar misturada ao nosso rosto. Ser o nosso rosto”, afirma.

No Instagram, as atrizes Taís Araújo e Adriana Esteves assistiram ao Oscar juntas ao lado de Vladimir Brichta — que interpretou o par romântico de Fernanda Torres em *Tapas & Beijos* — e familiares que vibraram a conquista em vídeo compartilhado por Araújo, que escreveu: “Parabéns, Nanda! Por sua atuação brilhante e pela coragem de contar uma história tão dura, sensível e recente do nosso país. Você é a nossa vencedora de todos os prêmios! Viva você, Fernanda Torres! Viva *Ainda estou aqui*! Viva o cinema nacional, gigante pela própria natureza!”.

Para o diretor e montador de cinema brasileiro, Marcius Barbieri, “o ineditismo de uma conquista ‘impossível’ abre as portas para as novas gerações acreditarem e mostrarem que, sim, somos capazes”. E, após vitórias tão marcantes como a de Rebeca Andrade e Guga Kuerten, no esporte, os brasileiros são lembrados que “já vivemos o que parecia ser impossível antes” e, agora, “o vira-lata se torna cada vez mais o supercão caramelo”.

*Estagiárias sob supervisão de Severino Francisco



“*Ainda estou aqui* vai dar chance ao público de ter um olhar mais generoso e dar mais chance para o cinema brasileiro”

Mario Abade, crítico de cinema

VITÓRIA DO FILME É PLATAFORMA PARA NOVOS VOOS

» RICARDO DAEHN

Uma força-motriz para novos voos e uma vitrine com projeção mundial de *Ainda estou aqui*. As ferramentas com a vitória no Oscar estão à disposição, depois da escalada brasileira. Mas como, recentemente, definiu o diretor Walter Salles, aspectos de defesa de propriedade intelectual das obras nacionais, injeção de investimentos em filmes independentes e mais atenção ao acervo e à preservação da cinematografia nacional são indispensáveis para alargamento da visibilidade e reconhecimento do cinema nacional. “O cinema brasileiro depende, sobretudo, de continuidade”, comentou para a BBC, em entrevista, ao que complementou, falando, por exemplo, da necessidade de regulamentação do streaming no Brasil e de leis em prol do audiovisual.

“É a vez do Brasil! O Oscar para *Ainda estou aqui* é um reconhecimento à qualidade do cinema brasileiro. Eu espero que o Brasil saiba aproveitar a oportunidade para fortalecer nossa indústria audiovisual e colocar bem nossos filmes no mercado internacional”, pontua o diretor mineiro Helvécio Ratton, que tem na carreira filmes como o infanto-juvenil *O segredo dos diamantes* e o doloroso *Batismo de sangue*, baseado em livro de Frei Betto.

Vencedor do prêmio de melhor direção no 57º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, ao lado dos codiretores Sueli Maxakali, Isael Maxakali e Luísa Lanna, o cineasta Roberto Romero foi reconhecido pelo longa *Yôg átak: meu pai, kaiowá*, que associa desaparecimento de um ente querido da multiartista Sueli Maxakali com a ditadura. Em sintonia com a vitória de Walter Salles, ele

delimita avanços e perspectivas: “Espero que este prêmio se reverta, em escala nacional, em mais apoio e investimento público para o cinema brasileiro, tão humilhado durante os anos do governo Bolsonaro, agora denunciado oficialmente por tentativa de golpe de Estado”, observa o antropólogo e cineasta.

Romero considera o reconhecimento do filme uma vitória para a memória coletiva do país. “O retorno triunfante da memória de Eunice Paiva, neste momento, e por

meio do cinema, é emocionante de ver! Especialmente, conhecendo a importância dela para a conquista dos direitos indígenas na Constituição de 1988. Que o reconhecimento desse filme mundialmente estimule mais cineastas a contarem as atrocidades perpetradas pelo governo militar no Brasil. Nesse sentido, demos passo ainda com *Yôg átak: meu pai, kaiowá*.”

Quem emenda a celebração é Alfredo Manevy, cineasta, professor e pesquisador, diretor de *Lu-pícinio Rodrigues: Confissões de*

Getty Images via AFP



Walter Salles recebe a estatueta do Oscar de Melhor Filme Internacional: “cinema precisa de continuidade”

de um modelo que garanta que parte da renda e propriedade intelectual pertença às produtoras e aos artistas nacionais, e em que as plataformas paguem impostos que se revertam para investimento local (no Brasil). Além disso, que exibam percentual mínimo de conteúdo brasileiro e deem destaque em suas páginas ao conteúdo nacional”. Como exemplos, ele cita países da Europa e da Ásia. “O Brasil é uma exceção negativa hoje, no mundo ocidental, ao não regular o streaming”, sublinha.

um sofredor, além de antigo assessor do MinC. “Acho que o Oscar faz o filme quebrar uma barreira junto ao público brasileiro. Mas esse bom momento só será perene se o governo adotar uma política industrial para o cinema e para regular o VoD (video on demand). O Brasil segue uma terra de ninguém nesse mercado e, se nada for feito, vamos perder uma oportunidade histórica”, analisa.

Ciente do fortalecimento cultural pela identidade com o cinema, Manevy opina: “Precisamos